



Na última reportagem da série, vítimas de agressões por parte dos companheiros dividem histórias de superação e esperança

Mulheres quebram o ciclo da violência



» ANA LUISA ARAUJO
» RENATA NAGASHIMA

Casa Abrigo

O local é secreto e só é revelado aos servidores que lá trabalham e às próprias mulheres

A Casa Abrigo tem o nome literal de sua função. O local serve de acolhimento para as mulheres que estão expostas à situação de violência. A casa é um equipamento vinculado à Secretaria da Mulher que possui alta complexidade, voltado exclusivamente a atender mulheres em risco.

COMO FAZER PARA ENTRAR NA CASA?

A mulher precisa fazer uma ocorrência por uma das Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher (Deam). Moradoras de Ceilândia podem fazer a denúncia na delegacia localizada na região, o restante das brasilienses podem se encaminhar à delegacia da Asa Sul.

Tempo de permanência: 90 dias (com possibilidade de prorrogação)

“Existia uma restrição com relação à idade. Temos relevado durante a pandemia, compreendendo que o mais importante é resguardar a vida dessa mulher, promover segurança a ela e garantir que ela receba todo acolhimento psicossocial neste momento”, afirma a secretária da mulher Ericka Filippelli.

Atendimento da casa: acolhimento psicossocial, atendimento físico, suporte jurídico e abrigo para filhos e/ou dependentes.



Pacifico/CB/D.A Press

ONDE DENUNCIAR

- » **Ligue 190:** Polícia Militar do DF.
- » **Ligue 197:** Polícia Civil do DF.
- » **Ligue 180:** Central de Atendimento à Mulher, canal da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres. Serviço registra e encaminha denúncias aos órgãos competentes. A denúncia pode ser feita de forma anônima, 24h por dia.
- » **Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher (Deam):** funcionamento 24 horas por dia.
- » **Deam 1:** previne, reprime e investiga os crimes praticados contra a mulher em todo o DF, à exceção de Ceilândia. Endereço: EQS 204/205, Asa Sul. Telefones: 3207-6172 / 6195 / 98362-5673
- » **Deam 2:** previne, reprime e investiga crimes contra a mulher praticados em Ceilândia. Endereço: St. M QNM 2, Ceilândia. Telefones: 3207-7391 / 7408 / 7438

» De volta a 1911

Um incêndio em uma fábrica de Nova York, em março de 1911, matou 146 pessoas, das quais 123 eram mulheres. A tragédia gerou mobilização sobre a necessidade de conscientizar a sociedade sobre os direitos das mulheres. A partir disso, o Dia Internacional da Mulher é comemorado anualmente em 8 de março. Oficializada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975, a data retribui as lutas sociais, políticas e econômicas das mulheres no mundo todo.

forma, surge a naturalização da agressão. Socialmente, essas mulheres são compelidas a aceitar essa relação devido ao vínculo estabelecido com o homem, para cumprir o papel de esposa. “Há também a dependência econômica desses companheiros. Elas não têm autonomia financeira”, explica.

Andreia Simplicio avalia que o afeto e a violência coexistem no mesmo espaço e, por meio desse ciclo, de agredir e se reconciliar, os limites ficam turvos. “Muitas vezes, as mulheres não querem sair dessa relação, elas querem que os seus maridos melhorem, se tratem, se curem. Elas querem ser amadas”, acrescenta.

Fernanda Falcomer, neuropsicóloga e especialista em Impactos da Violência na Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) explica que, muitas vezes, essas mulheres não conseguem ver uma saída, porque os laços e a rede de apoio delas foram cortados. “Os impactos são físicos, psicológicos, sociais e emocionais. Trabalhar com o empoderamento feminino, a autonomia, a confiança e a autoestima é muito importante, justamente porque essa mulher, que sofre violência, perdeu, inclusive, a capacidade de acreditar nela mesma”, afirma. Por vezes, as vítimas de violência doméstica apresentam sinais de estresse pós-traumático, quadros de ansiedade, depressão e até a ideação suicida.

Sombra do medo

“Aqui, eu me sinto muito segura. O meu medo, hoje, é sair”, diz Regina, 48, acolhida da Casa Abrigo. Essa sensação de segurança é recente para ela, que, há poucas semanas, vivia uma realidade totalmente diferente nas mãos do seu agressor. Machucada não só fisicamente, após chegar ao abrigo Regina se fechou para outras pessoas. “Eu não conseguia falar com ninguém. Era como se o mundo tivesse desabado em cima de mim”, relata.

Com a ajuda das servidoras, aos poucos a Regina mudou o comportamento. “Eu pensava que não ia mais conseguir viver, que não ia mais conseguir construir nada na minha vida. Como eu ia aparecer na frente da minha irmã e do meu filho com o meu rosto cortado?”, questiona. Após o acompanhamento psicossocial, Regina passou a enxergar novamente uma luz no fim do túnel. “Elas conversaram comigo e me explicaram que estavam aqui para me ajudar. Foi um carinho imenso. O acolhimento e o tratamento, aqui, é maravilhoso. Eu falo para as colegas que estão lá fora, passando pelo que eu passei, para que elas não tenham medo de vir para cá, porque, aqui, é melhor do que casa de mãe”, considera.

Agora, com a compreensão de que estava em um contexto de violência doméstica, Regina tenta retomar, aos poucos, a vida. “As pessoas precisam entender que um relacionamento abusivo deixa marcas e feridas que precisam ser curadas e, sozinhas, a gente não consegue. Precisamos de ajuda”, alerta a secretária da Mulher do DF, Ericka Filippelli, destacando que o empoderamento feminino é fundamental para que essas vítimas saiam do cenário de abusos. “Buscamos tirar a mulher desse ciclo e fazer com que ela tenha esperança e uma visão de futuro”, finaliza a secretária.

Dificuldade

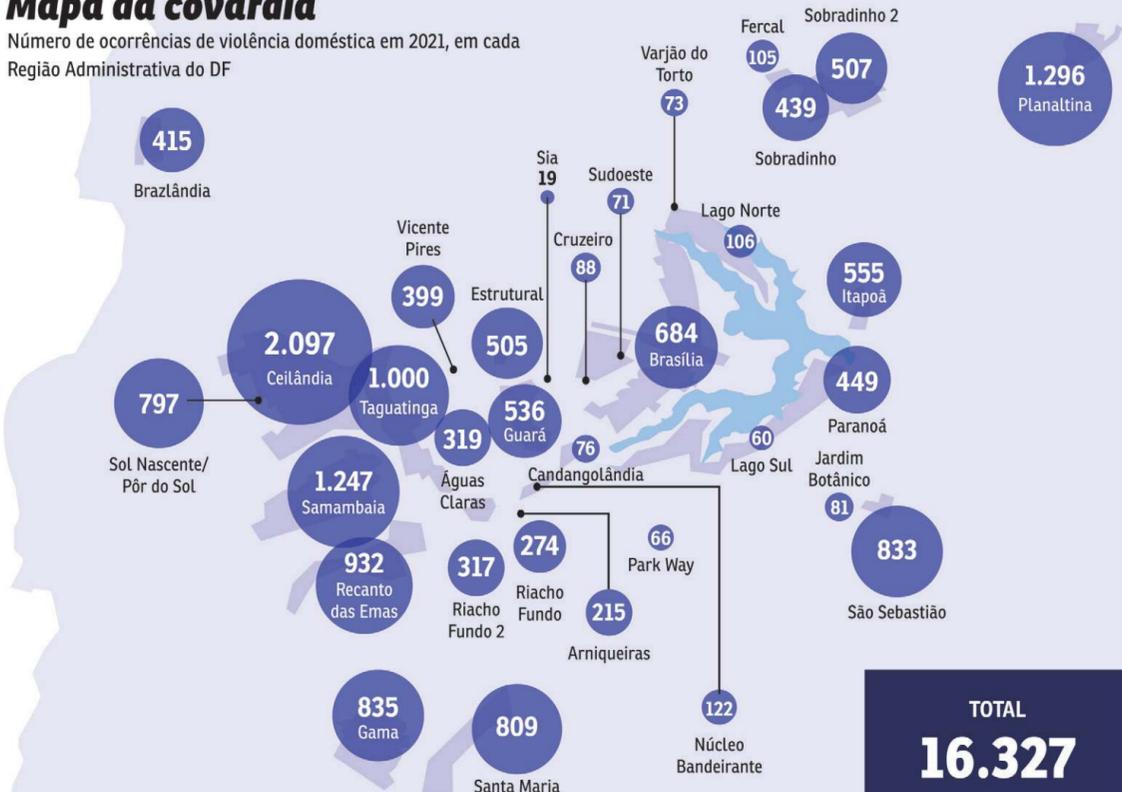
Em apenas dois meses de relacionamento, Joana, 32, descobriu o pior lado do companheiro. Há uma semana, sob efeito de drogas, ele a agrediu na frente dos filhos, de 12 e 3 anos. “Se não fosse o mais velho, não sei o que poderia ter acontecido”, conta. O menino deu pauladas no homem até que ele largasse Joana. Agora, ela tenta retomar a vida com acompanhamento psicossocial.

A denúncia ocorreu logo após o crime. “Temi pelos meus filhos que presenciaram tudo”, afirma. No entanto, essa não foi a primeira vez que Joana sofreu nas mãos de um agressor. Há seis anos, ela levou um tiro no pé de um ex-companheiro, com quem tinha um namoro de dois anos. “Eu fiquei com medo, sem saber o que fazer e foi bem difícil para denunciar. Tive que tirar coragem de onde não tinha”, descreve.

Sair de um ambiente de violência doméstica pode não ser tão simples quanto a maioria das pessoas imaginam. O psicólogo Luiz Henrique Aguiar, do Centro Especializado de Atendimento à Mulher (Ceam), explica que as agressões não são lineares e que contextos de relações abusivas funcionam de forma circular. “A violência vai crescendo de intensidade e progredindo até acontecer um pico, o episódio máximo, geralmente, é a agressão. Passada essa tensão, eles entram na fase que chamamos de lua de mel, ele presenteia, faz promessas de mudança e tenta

Mapa da covardia

Número de ocorrências de violência doméstica em 2021, em cada Região Administrativa do DF



agradar a mulher e diz que não vai se repetir”, enumera Luiz Henrique.

O psicólogo ressalta que é comum a reincidência e a dependência afetiva e financeira piora a

situação. “Trabalhamos com conceito de anestesia emocional. Quanto mais tempo passar em um relacionamento abusivo, mais difícil vai ser romper, e as vítimas se acostumam com

o cenário. Elas perdem a capacidade de reconhecer o nível de gravidade e de dependência emocional por meio desse processo de anestesiamento”, completa Luiz Henrique.

“As mulheres são vítimas de uma estrutura patriarcal”, frisa a assistente social Andreia Simplicio. Segundo ela, a violência é passada de geração para geração e, dessa